

Os desafios da mulher na profissão de vigilante

Sabemos que a luta das mulheres por seus direitos dura até hoje, tanto na sociedade quanto na carreira profissional e na carreira de vigilante não é diferente. O número de mulheres na segurança privada tem crescido nos últimos anos e desta forma barreiras como o preconceito estão sendo quebradas.

Em virtude das duas guerras mundiais que mulheres que antes ocupavam apenas o papel de esposa e mãe, assumiram a função de levar o sustento para casa, já que seus maridos estavam nos campos de batalha. Logo então surgiu, no fim dos anos sessenta e início dos anos setenta, o movimento feminista com a intenção de dar voz à luta pelos direitos de igualdade.

Mesmo que este processo seja lento, hoje conseguimos observar a evolução no cenário trabalhista e na segurança privada, as mulheres ocupam cada vez mais seus espaços. As conquistas no campo de trabalho vem crescendo muito, conquistando espaços, hoje se vê abordagens mais suaves em situações de contato com o público, como nas portas giratórias dos bancos em casos de necessidade de revista, hospital também que é um dos mais trabalhosos, e os demais postos de serviço.

As interessadas em seguir nesta profissão enfrentam algumas dificuldades como o preconceito, pois por muito tempo o sexo feminino foi considerado frágil e pelo fato do serviço de vigilante ser considerado uma profissão exclusiva para os homens pela necessidade da força física.

Da mesma forma existe uma barreira ainda maior a ser quebrada, que é o assédio moral e sexual, sendo assim sofremos assédio de níveis decrescente, horizontal e misto. No nível decrescente, são os gestores que praticam a violência seja moral ou sexual. No nível horizontal, acontece por parte do próprio colega de trabalho. No misto, sofremos das duas partes. O assédio é um ato frio consciente, calculado e intencional, e isto potencializa a aquisição de doenças mentais nas mulheres como: neurose traumática, e que no nosso meio existem muitas que sofrem caladas, não relata por medo! O que podemos fazer? As empresas, junto com nossa instituição, fazer uma parceria de fiscalizar mais seus postos, fazer o corpo a corpo, ouvir mais, dar apoio e deixar o ambiente de trabalho mais seguro, ter uma relação honesta, transparente com toda equipe de trabalho, colocar código de ética, colocar regras de conduta, a comunicação interna é muito importante. Se houver isso, a vítima do assédio irá se sentir mais segura e vai saber onde procurar e a quem procurar, e também palestras de conscientização oferecidas pelo governo com auxílio da mídia, ajudará a mudar este contexto.

O nosso trabalho é de extrema importância, apesar de todo cuidado que temos com as pessoas que passam nem sempre essa relação ocorre da melhor

forma. Infelizmente muitos vêm bem alterados e enfrentamos algumas reações de desaprovação por parte da grande maioria, rotineiramente precisamos impedir ações, precisamos barrar pessoas sem identificação. Muitas vezes nos deparamos com situação delicada, somos humilhadas, xingadas, não é fácil, mas, estamos ali para agir, impedir ações contra patrimônio e até mesmo cuidando e salvando vidas.

Em meio a tantas conquistas a admissão de mulheres na profissão de vigilante foi mais uma delas. Com tantas dificuldades e obstáculos contemplamos que o sexo feminino não é nada frágil e com perseverança e determinação as mulheres podem ganhar espaço na área profissional e onde desejarem, mas é certo que a cultura preconceituosa de que somente homens podem seguir nesta profissão, precisa ser quebrada.

Somos mulheres, somos vigilantes, somos guerreiras empoderadas e lugar de mulher é onde ela quiser!

Acredito que uma nação evolui a partir do momento em que todos respeitem seus respectivos direitos e deveres e isso conseguimos através da educação.

Gentileza gera gentileza!

Nome: Bianca Rodrigues Fernandes